

---

# Dialética Adorniana

entre *Körper* e *Leib*

## Adornian Dialectic

between *Körper* and *Leib*

Thiago Ferreira de Borges\*

**Resumo:** No presente artigo, busca-se refletir sobre o conceito de corpo, presente em algumas passagens da Dialética do Esclarecimento, obra dos anos de 1940, escrita por Max Horkheimer e Theodor W. Adorno, e na Dialética Negativa do ano de 1960, escrita por Adorno. O problema de fundo pertence à atual pesquisa de doutorado, na qual se trabalha o conceito de corpo na filosofia de Adorno. Parte do núcleo da investigação concentra-se nas variações entre as palavras *Körper* e *Leib*, utilizadas pelo filósofo de Frankfurt, e as possíveis consequências, no texto, para a dialética entre cultura e natureza ou, ainda, espírito e natureza. Também serão discutidas algumas incidências das leituras marxianas e freudianas na filosofia de Adorno para o tema em questão.

**Palavras-chave:** corpo. *Körper*. *Leib*. natureza.

**Abstract:** In this paper, we are reflecting about the concept of body present in some parts of Dialectics of Enlightenment by Max Horkheimer and Theodor W. Adorno and Negative Dialectics by Adorno. The question belongs to our doctor degree research, where working about the concept of body in Adorno's Philosophy. Part of the core of the research focuses on the variations between the words *Körper* and *Leib* used by the philosopher of Frankfurt and the possible consequences in the text, for the dialectic between culture and nature or spirit and nature. We will also discuss some occurrences of the Marxian and Freudian readings in Adorno's philosophy for the subject in question.

**Key words:** body. *Körper*. *Leib*. nature.

## Introdução

É bem conhecida a dialética entre os termos *Körper* e *Leib* para se referir às consequências no corpo,

resultantes do processo histórico da dialética do esclarecimento.

Adorno e Horkheimer, na obra seminal de mesmo título nos anos de 1940, interpretam, no amor/ódio

---

\*O autor é mestre em filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

pelo corpo, nas sociedades administradas, uma tendência a um tipo de “redução” das vivências corporais ao caráter de *Körper*, significando, no contexto daquela obra, que o corpo, coisificado nas relações sociais excessivamente instrumentais, reduziria-se à dimensão natural, como imagem particular das próprias relações reificadas das sociedades com a natureza.

Estudiosos importantes no cenário nacional abordam, já há algum tempo, questões relativas ao lugar do corpo nas obras de Theodor W. Adorno. Também, em outra perspectiva, buscaram material teórico na filosofia do pensador de Frankfurt para interpretar fenômenos contemporâneos centrados nas “experiências” com o corpo. Tem-se, por exemplo, a respeito do primeiro viés, os trabalhos do professor Maurício Chiarello (2006)<sup>1</sup> sobre o sofrimento físico e a necessidade de sua expressão como índice de resistência à dominação e a opressão dos sujeitos na atualidade. No outro ponto, há al-

guns dos trabalhos do professor Alexandre Vaz (1999, 2011)<sup>2</sup>, a respeito da lógica sacrificial imposta ao corpo no esporte de alto rendimento, bem como as origens de tal procedimento na relação de dominação da natureza pelo homem. Trabalhos, como os citados, sugerem não somente um campo fértil de investigação na obra de Adorno, mas também mais uma via rica e atual de material filosófico do pensador para a compreensão do contemporâneo.

Assim, neste trabalho, busca-se refletir sobre a presença do conceito corpo em algumas passagens da *Dialética do Esclarecimento* (1944) e *Dialética Negativa* (1966). O problema de fundo pertence à pesquisa de doutorado, na qual se trabalha o conceito de corpo na filosofia de Adorno. Parte do núcleo da investigação concentra-se nas variações entre as palavras *Körper* e *Leib*, utilizadas por Adorno, e as possíveis consequências, no texto, para a dialética entre cultura e natureza ou,

<sup>1</sup> CHIARELLO Maurício. *Natureza-morta: finitude e negatividade em T. W. Adorno*. São Paulo: Edusp, 2006, 279p.

<sup>2</sup> VAZ Alexandre. *Treinar o corpo, dominar a natureza: notas para uma análise do esporte com base no treinamento corporal*. In: Cadernos Cedes, ano XIX, n. 48, agosto/99.

VAZ Alexandre. *Sobre o domínio da natureza na filosofia da história de Theodor W. Adorno: uma questão para a educação*. In: Revista brasileira de educação, v. 16, n.46, jan./abr. 2011.

ainda, espírito e natureza.

### ***Körper* e *Leib* na língua alemã e na dialética do esclarecimento**

É comum encontrar, na comparação entre línguas, objetos e definições que, em uma apresentam um termo e, em outras, mais de um. O trabalho dos tradutores se depara, a todo o momento, com essa situação, dentre outras tantas. Quando a língua permite, e também aquele que dela faz uso explora as potencialidades do idioma, no sentido de uma orientação à compreensão de uma ideia ou raciocínio – como acontece muitas vezes, na Filosofia – para determinados contextos de análise, vale uma atenção especial na comparação com as traduções quando a língua de chegada reduz as possibilidades para um termo.

Evidentemente, o desenvolvimento do texto, se bem traduzido, pode evitar enganos prejudiciais à compreensão de um argumento.

Mesmo assim, entende-se que, no tocante ao entendimento de um conceito, é por vezes prudente coatejar as variações terminológicas na língua de partida, principalmente se se trata de um conceito central a uma determinada investigação.

Assim como outras noções importantes na filosofia de T. W. Adorno<sup>3</sup>, as palavras alemãs *Körper* e *Leib* são vertidas para o português, muitas vezes apenas para o termo *corpo*, considerando, entretanto, que o uso de *Leib* parece mesmo ser mais flexível. A tradução para o português do termo alemão *Körper* registra, em geral, os seguintes vocábulos: corpo, cadáver, corpo orgânico. *Leib*, por sua vez, é traduzido por corpo, ventre. Há também uma expressão para cadáver, *Leiche*. É para se notar que, muitas vezes, *Körper* e *Leib* são sinônimos tanto no uso corriqueiro da língua quanto em textos e artigos e, nestes casos, referem-se à palavra *corpo*. *Leib* muitas ve-

<sup>3</sup> Por exemplo, a noção de objeto. Esta única palavra, em português, encontra na língua alemã as seguintes opções conforme o contexto: *der Gegenstand*; *das Ding* e *die Sache* (normalmente, usadas para a palavra *coisa*); *das Objekt*. Na Dialética Negativa, Adorno utiliza tanto *der Gegenstand* quanto *das Objekt*. Assim, tem-se a passagem: “*Elemente der Affinität des Gegenstandes zu seinem Gedanken leben in ihr*” (pág. 152 da edição alemã). Já na página seguinte, há “*In Erkenntnistheorie resultiert daraus unausweichlich die falsche Konsequenz, Objekt sei Subjekt*”. Na versão em português, respectivamente: “Vivem nela elementos da afinidade do objeto com o seu pensamento” (pág. 130). “Na teoria do conhecimento, resulta daí, incontornavelmente, a consequência falsa de que o objeto é o sujeito” (pág. 131).

zes parece se referir também ao organismo, ao corpo físico por assim dizer, talvez pelo fato mesmo dessa palavra indicar uma parte do corpo específica, no caso, a barriga ou ventre.

A hipótese de trabalho concentra-se na ideia de que, na obra de Adorno e, especialmente, na Dialética Negativa, existem razões para além das normas ou estilísticas convencionais da língua alemã, na escolha ora pelo termo *Körper*, ora pelo termo *Leib* para se referir à noção de *corpo*. Ou seja, existem razões filosóficas para o emprego dos termos. Partiu-se de uma referência, não da Dialética Negativa, mas sim da Dialética do Esclarecimento, especialmente, a nota de trabalho, “Interesse pelo corpo”. Na tradicional versão brasileira de 1985 deste breve e intenso texto, o tradutor, em algumas das várias passagens em que a palavra *corpo* aparece, indica, entre parênteses, imediatamente, se o termo original alemão utilizado por Adorno e Horkheimer fôra *Körper* ou *Leib*.

*Essa espécie de mutilação afeta, sobretudo, a relação com o corpo (Körper). (...) O cuidado*

*como o corpo (Leib) tinha, ingenuamente, uma finalidade social. (...) A humanidade deixa-se escravizar, não mais pela espada, mas pela gigantesca aparelhagem que acaba, é verdade, por forjar de novo a espada. É assim que desapareceu o sentido racional para a exaltação do corpo viril; as tentativas dos românticos, nos séculos dezanove e vinte, de levar a um renascimento do corpo (Leib) apenas idealizam algo de morto e mutilado. Nietzsche, Gauguin, Georges Klages reconheceram a inominável que é o resultado do progresso. (...) Os artistas, a contragosto, prepararam para a publicidade a imagem perdida da unidade do corpo (Leib) e da alma. (...) Não se pode mais reconverter o corpo físico (Körper) no corpo vivo (Leib). (ADORNO E HORKHEIMER, 1985, p. 217, 218).*

Desse apanhado de trechos e, especialmente, das últimas linhas se depreende o entendimento mais ou menos consensual de que quando: (i) os filósofos querem se referir especificamente ao corpo como organismo biológico a palavra esco-

lhida é *Körper* e, por outro lado, se o intuito é se referir ao corpo para além do aspecto meramente físico, ou seja, um corpo atravessado pelas vicissitudes históricas da alma em uma espécie de conformação recíproca, o termo escolhido é *Leib*, o corpo vivo; (ii) no contexto da Dialética do Esclarecimento, a vivência de um *Körper*, em vez da experiência com um *Leib*, é um dos aspectos regressivos no seio do progresso e em suas dimensões econômica (o capitalismo monopolista), cultural e científica (a indústria cultural e a cientificação pragmática da vida).

Nessa distinção clara entre dois modos de se interpretar o *corpo* e, evidentemente, na referência crítica às formas de relação com ele, encontra-se, novamente, a cena central para o pensamento dos frankfurtianos, no que concerne a relação entre os homens e a natureza. Trata-se da mediação reificada, ou seja, a noção de dominação, na qual o *corpo*, como *Körper* e seus afetos, são a expressão particular da natureza no indivíduo. E o retorno regressivo neste mesmo indivíduo consiste justamente no fato de que se está sempre na dinâmica dialética entre ser e ter um

*corpo*.

Adorno e Horkheimer fazem o uso comum do termo *Körper*, em alemão, para expressar o espanto, não de que o *corpo* não seja orgânico, mas sim de que sua hipóstase, como meramente biológica, é um desvario da razão. É interessante observar que a ideia de *corpo vivo*, *Leib*, nostalgicamente aludida nas últimas linhas da citação que se apresenta, tem, nas traduções possíveis do próprio vocábulo, uma referência não somente à ideia de vida, mas, curiosamente, à ideia de vida orgânica, pois *ventre*, e mesmo *barriga*, são partes anatômicas em uso ordinário, não-técnico.

Em especial, o primeiro termo remete à geração biológica, enquanto “ventre materno”. Ao mesmo tempo, é também o lugar histórico das paixões da alma concupiscível platônica, paixões estas materializadas corporalmente. Se, por um lado, deveriam ser controladas pela alma racional, em outra perspectiva, diferentemente da lógica do controle ou do pecado, sugerem um empuxo à vida, às sensações e prazeres que remetem à vivacidade dos indivíduos, muito mais do que a ascese racionalista e religiosa.

Em certo sentido, *Leib* é um corpo “à moda nietzschiana”, que recebe dialeticamente de *Körper* sua materialidade indispensável. Ao que tudo indica, a *razão* que fazia de um *corpo* ser um *corpo vivo* se presentificava, fragmentariamente, nas experiências dos indivíduos em uma relação, talvez, menos pretensiosa com aquilo que da natureza se pode em nós mesmos intuir.

Se é possível pensar, no espírito da filosofia adorniana, que o corpo vivo, *Leib*, guarda, na sua materialidade atravessada pelo sentido, pela história e pela razão, algo da natureza a partir do organismo biológico, *Körper*, por outro lado, é justamente a qualidade instrumental da razão que constrói uma via reificada e reificante de retorno ou regressão ao orgânico (*Körper*) como algo abstrato. “É só a cultura que conhece o corpo como coisa que se pode possuir; foi só nela que ele se distinguiu do espírito, quintessência do poder e do comando, como objeto, coisa morta, “*corpus*””. (ADORNO, HORKHEIMER, 1985, p. 217)

A passagem citada, bastante lembrada por sua contundente expressividade, já nos anos de 1940,

indica, segundo se pensa, um rastro da negatividade dialética adorniana, pois, se o cadáver (*Körper*) é um produto da cultura, também o é o corpo vivo (*Leib*), sendo que a sua vitalidade não é somente um produto de um suposto espírito abstrato (*Geist*), mas sim de um atravessamento do imaterial na materialidade que não é, por outro lado, de uma única forma. O reificado na relação do indivíduo, como o seu corpo, é a fantasia de que, na concretude das ações e das vivências, possam existir momentos no corpo que não retornem de alguma maneira à vida anímica dos indivíduos ou, ainda, que sejam momentos sem consequência para a subjetividade.

A ideia de “coisa morta – *corpus*” indica que o corpo é mortificado na ausência de expressividade, no sacrifício, na dor muda, que são, objetivamente, imagens mortificadas também de um espírito, pois, se no limite o corpo ainda responde organicamente, não estaria, por assim dizer, fisicamente morto. Nessa perspectiva, pode-se ler a abertura dialética que Adorno parece sugerir, entre corpo e espírito, como categorias equidistantes do centro circular em que se encon-

tram (nunca definitivamente) as categorias de sujeito e objeto também pensadas na mesma abertura dialética<sup>4</sup>. Assim, pode-se ler, já na Dialética Negativa,

*a controvérsia sobre a prioridade do espírito ou do corpo procede de maneira pré-dialética. Ela continua arrastando consigo a pergunta sobre algo primeiro. (...) Os dois, corpo e espírito, são abstrações de sua experiência; sua diferença radical é algo posto. Essa diferença reflète a “autoconsciência” historicamente conquistada do espírito e o seu desprendimento daquilo que ele nega por causa de sua própria identidade. Todo espiritual é impulso corporal modificado e uma tal modificação, a transformação qualitativa naquilo que não é meramente. Segundo a compreensão de Schelling, ímpeto é a forma preliminar do espírito. (ADORNO, 2009, p. 172).*

## Dialética Negativa

Há, em média, no texto da Dialética Negativa, considerando os adjetivos e as derivações, entre cinco e dez ocorrências tanto para o termo *Körper* quanto para o termo *Leib*<sup>5</sup>. Boa parte das ocorrências situa-se na discussão sobre o sofrimento, que, segundo Adorno, é essencialmente físico.

Essa discussão sobre o sofrimento físico está no centro do trabalho de Chiarello (2006)<sup>6</sup>. Dizer do caráter essencialmente físico do sofrimento permite supor que, seja como *Körper* ou *Leib*, ao corpo é restituído um lugar de destaque por Adorno, frente à histórica marcha de elogio ao espírito nas suas várias e contraditórias formas. Isto, segundo se pensa, o filósofo de Frankfurt o faz de duas maneiras; (i) tal qual W. Benjamin, Adorno chama à discussão uma “história a contrapelo” do progresso e da civilização ou, ainda, subterrânea, justamente aquela da dor e do sofrimento; como nas pri-

<sup>4</sup> Devido à importância das noções de sujeito e objeto na obra, como um todo, de Adorno, entende-se que não é um exagero supor que tais categorias sejam mais afins a ocupar, no procedimento constelatório adorniano, mais facilmente, ou mais frequentemente, uma posição de “eixo”, mesmo que provisoriamente, do que, por exemplo, os próprios termos, corpo e espírito.

<sup>5</sup> Estes números serão definidos no texto final da tese.

<sup>6</sup> CHIARELLO, Mauricio. *Natureza morta: finitude e negatividade em Theodor W. Adorno*. São Paulo: Edusp, 2006, 278p.

meiras linhas do esboço “Interesse pelo corpo”. “Sob a história conhecida da Europa corre, subterrânea, uma outra história. Ela consiste no destino dos instintos e paixões humanas recalçados e desfigurados pela civilização” (ADORNO, HORKHEIMER 1985, p. 216); (ii) a constatação mais elementar quanto também fundamental de que nada na história dos homens foi experimentado sem a condição de seus corpos.

Na passagem citada da *Dialética Negativa*, no final da primeira parte, quando se retorna ao texto em alemão, temos que a palavra utilizada para *corpo* é apenas *Körper*, com exceção do termo “corporal”, que aparece como *leibhafter*. A impressão é que, quando Adorno trata da diferença conceitual entre *corpo* e *espírito*, *Körper* é o termo escolhido para *corpo*, talvez por uma necessidade de demarcar primeiramente um ponto irreduzível à completa indiferenciação.

Por outro lado, no momento em que o filósofo busca a formulação dialética como contraponto à rígida separação explícita no conceito e conduzida moralmente na experiência, ele faz uso de um termo, a partir de *Leib*, para su-

gerir justamente que é falsa uma suposta origem do espírito, completamente apartada de qualquer traço corpóreo. Talvez se possa mesmo dizer que *Leib*, “em si mesmo”, já um *Körper* modificado.

Na sequência da passagem a que se referia, há o seguinte: “Os pretenso fatos fundamentais da consciência não são apenas meros fatos como esses. Na dimensão do prazer e do desprazer, algo corporal se investe deles”. (ADORNO, 2009, p. 172-173)

Nesse trecho, diferentemente das linhas imediatamente anteriores, o autor prefere, para designar o *corporal*, o termo *Körperliches*, em vez de *leibhafter*. Aqui, ainda, há algumas observações. O “algo corporal” parece, na linha da argumentação anterior, uma referência mais explícita ao *corpo*, como ontologicamente distinto do espírito, conceitualmente diferenciado. É o corporal, no sentido orgânico, próprio, distinto do espírito, é, inclusive, escrito com letra maiúscula.

Já *leibhafter* foi escrito com letra minúscula, pois é uma qualidade de *Impuls* (este sim grafado com letra maiúscula), já que, no trecho, ele é, junto com sua especi-

ficidade (ser corporal), modificado, o próprio espírito. Gramática e intenção filosófica andam juntas nas escolhas de Adorno. Dessa maneira, tem-se, em uma sequência textual, o termo *corporal* (*leibhafter*) como qualidade de um impulso (*Impuls*) e, seguindo, tem-se *corporal* (*Körper*) como a substância física em si mesma, o organismo.

### O corpo e uma reflexão marxiana<sup>7</sup>

Na filosofia de Adorno, o que se pode constatar e desdobrar acerca de uma dialética e, por que não, de uma ontologia negativa do corpo passa, em muitos momentos, por posições claramente advindas de leituras da obra de Karl Marx, especialmente no tocante a aproximações entre dor física, dominação, divisão de classes e trabalho. No primeiro texto da *Dialética do Esclarecimento*, tem-se:

*O progresso reservou a mesma sorte tanto para a adoração quanto para a queda no ser natural imediato: ele amaldiçoou do mesmo modo aquele que, esquecido de si, se abandona tanto*

*ao pensamento quanto ao prazer. O trabalho social de todo indivíduo está mediatizado pelo princípio do eu na economia burguesa; a um ele deve restituir o capital aumentado, a outro a força para um excedente de trabalho. Mas quanto mais o processo de auto-conservação é assegurado pela divisão burguesa do trabalho, tanto mais ele força a auto-alienação dos indivíduos, que tem que se formar no corpo e na alma segundo a aparelhagem técnica. (ADORNO E HORKHEIMER, 1985, p. 41).*

A autoalienação dos indivíduos está não somente no desconhecimento das condições objetivas de exploração a que se encontram submetidos no trabalho, mas também, como nos primórdios do capitalismo, na alienação do seu próprio fazer e daquilo que ele produz, que, estão intimamente ligadas à alienação do seu corpo, como força física, organismo que produz energia (*Körper*), tal qual as máquinas com as quais tinham que lidar e que enquadravam uma gestualidade mecânica e morta. Em última ins-

<sup>7</sup> Sobre esta seção, agradeço as observações da colega Mariana Fidelis da USP.

tância, essa alienação, a do próprio corpo, reproduz, no plano do indivíduo, a alienação dos homens em relação à natureza, aquela condição já presente nos trabalhos do jovem Marx. Esta alienação se dá na medida em que o domínio da natureza inorgânica, para dizer como Marx, deixa de se relacionar com a afirmação da vida genérica dos homens enquanto um mais além da pura e simples autopreservação. Segundo Marx, a natureza inorgânica, (externa), é a matéria com a qual e na qual os homens realizam sua condição genérica na produção e relação com seus próprios objetos de trabalho. Nos manuscritos econômico-filosóficos, o homem pertence à natureza, mas não se confunde com ela, assim como seu corpo embora orgânico, não é a natureza pura. O homem tem um corpo, não o é, assim como os animais são seus corpos, e não os tem. Algumas passagens são exemplares nesta dialética entre homens e natureza:

*A natureza é o corpo inorgânico do homem, a saber, a natureza enquanto ela mesma não é o corpo humano. O homem da natureza significa: a natureza é o*

*seu corpo, com o qual ele tem de ficar num processo contínuo para não morrer. Que a vida física e mental do homem está interconectada com a natureza não tem outro sentido senão que a natureza está interconectada consigo mesma, pois o homem é uma parte da natureza. (...) O animal é imediatamente um com sua atividade vital. Não se distingue dela. É ela. O homem faz da sua atividade vital mesma um objeto da sua vontade e da sua consciência. (...) ; o animal produz apenas sob o domínio da carência física imediata, enquanto o homem produz mesmo livre da carência física, (...) o animal só produz a si mesmo, enquanto o homem reproduz a natureza inteira. (MARX, 2004, p. 84-85)*

O que ocorre, entretanto, é que a própria condição genérica e humana, que possibilita em certo sentido a emergência de um modelo produtivo e econômico como o capitalismo, fornece então, as bases para a regressão àquilo que, em tese, a vida humana não é: pura natureza de autopreservação. Assim, o trabalho estranhado, como Marx dizia, é também a natureza estra-

nhada e o próprio homem estranhado. Quem realiza com o corpo, não realiza mais para si a não ser para a autoconservação, que já em Marx, como vimos acima, é índice de regressão à natureza e a vida animal. Como explica Rodrigo Duarte (1986),

*a natureza se apresenta ao homem como sua fonte de meios de vida e de meios de trabalho. Mas, no capitalismo, quanto mais o trabalhador se apropria da natureza, mais ela deixa de lhe servir como meio para seu trabalho e meio para si próprio. (DUARTE, 1986, p. 47)*

De fato, a apropriação da natureza pela cultura, no contexto do capitalismo, não tem oferecido outras possibilidades a não ser a da relação de dominação, que, como Adorno e Horkheimer indicaram na Dialética do Esclarecimento, retorna miticamente sobre os próprios homens:

*A essência do esclarecimento é a alternativa que torna inevitável a dominação. Os homens sempre tiveram que escolher entre submeter-se à natureza ou submeter a natureza ao eu. Com*

*a difusão da economia mercantil burguesa, o horizonte sombrio do mito é aclarado pelo sol da razão calculadora, sob cujos raios gelados amadurece a sementeira da nova barbárie. Forçado pela dominação, o trabalho humano tendeu sempre a se afastar do mito, voltando a cair sob o seu influxo, levado pela mesma dominação. (ADORNO E HORKHEIMER, 1985, p. 43),*

Outro aspecto merecedor de destaque é a consideração da divisão do trabalho em intelectual e corporal que os autores da Dialética do Esclarecimento remontam a períodos anteriores a modernização industrial do capitalismo e que, não obstante, vê-se persistir, guardadas as especificidades do nosso tempo, ainda nos dias de hoje. Apesar da mútua dependência na lógica dialética de Hegel, no que concerne às próprias identidades entre Senhor e Escravo, a história eternizou o menosprezo pelo trabalho corporal como inferior.

Nessa forma de pensar, a suspeita dignificação, não do trabalho, mas sim daquele que nele se sacrifica corporalmente, acabou por alinhar, em uma mesma di-

reção moral, o discurso do capital e o religioso, em prol daqueles detentores dos meios de produção. Aquele que precisa fazer uso de seu corpo para seu sustento e que vende sua força de trabalho deveria incorporar o discurso moral de que o sacrifício corporal a que está submetido eleva seu espírito, sua alma, educando-o moralmente, certamente menos para a compreensão das próprias condições, objetivamente injustas em que se encontra, do que a aceitação das coisas tais quais elas se apresentam.

Por mais intenso e organizado que os movimentos dos trabalhadores tenham se apresentado em momentos distintos da história ocidental, ainda assim não foram suficientes para arrefecer o processo histórico de introjeção do trabalho como um “valor em si”, fórmula que oblitera a reflexão sobre as condições de exploração e injustiça no sistema capitalista.

### **Sobre alguns pontos de apoio freudianos**

Da importância incontestável que a teoria psicanalítica de Sigmund

Freud tem, não somente para o pensamento adorniano, mas, em linhas gerais, para o grupo de intelectuais que, juntamente com Adorno, ficou conhecido como Escola de Frankfurt, recorta-se aqui, para o propósito deste trabalho, duas referências à Freud, dentro do esboço “Interesse pelo corpo”, na seção “notas de trabalho” da *Dialética do Esclarecimento*. Ao discorrer sobre a crueldade como consequência da irracionalidade e da injustiça nas relações de dominação dos corpos, refletem os autores:

*Nietzsche, em sua teoria da crueldade e, sobretudo, Sade reconheceram a importância desse fator, e Freud interpretou-o psicologicamente em sua teoria do narcisismo e da pulsão de morte. (...) A compulsão à crueldade e à destruição tem origem no recalçamento orgânico da proximidade ao corpo, de maneira análoga ao surgimento do nojo, que teve origem, de acordo com a intuição genial de Freud, quando, com a postura ereta e o afastamento da terra, o sentido do olfato, que atraía o animal humano para a fêmea menstruada, tornou-se objeto de um recalca-*

*mento orgânico. (ADORNO E HORKHEIMER, 1985, p. 217)*

A respeito da primeira parte, embora a teoria do narcisismo, por exemplo, no texto de Freud, “Introdução ao narcisismo”, demonstre claramente que se trata de uma reflexão teórica sobre um dos aspectos fundamentais da organização subjetiva, por outro lado, é conhecida a posição de Freud a respeito do que, em um dado momento, ele chamou de neurose narcísica, e que coincide com o que popularmente se conhece por loucura.

Adorno comumente fez uso do termo “paranoia”, para caracterizar a posição subjetiva do fascista e sua inclinação à violência, termo que, em uma leitura estrutural das teorias psicanalíticas, encontra-se do lado das psicoses ou loucuras, juntamente com a esquizofrenia e a melancolia. O último dos grandes textos que compõe a Dialética do Esclarecimento, “Elementos do antissemitismo”, em que os autores também fazem uso de outro conceito freudiano, o de projeção, apresenta algumas passagens refe-

rentes ao caráter paranoico do antissemitismo. A seguir, uma série de pequenos trechos esclarecedores.

*O anti-semitismo baseia-se numa falsa projeção. (...) Só a mimese se torna semelhante ao mundo ambiente, a falsa projeção torna o mundo ambiente semelhante a ela. (...) Os impulsos que o sujeito não admite como seus e que, no entanto, lhe pertencem são atribuídos ao objeto: a vítima em potencial. Para o paranoico usual, sua escolha não é livre, mas obedece às leis de sua doença. (ADORNO E HORKHEIMER, 1985, p. 174)*

Em certa medida, Adorno e Horkheimer reconheceram, acompanhando Freud, que, em si, o mecanismo de projeção não é um problema, mas uma condição com que o eu se relaciona com o que lhe é interno e externo. Entretanto, Freud não diz de uma falsa projeção na paranoia para distingui-la de uma projeção usual, como o fizeram os filósofos<sup>8</sup>. De fato, nas

<sup>8</sup> Talvez a noção de falsa projeção na Dialética do Esclarecimento seja mesmo uma referência, dentre outras, que serviram para admoestar a respeito da loucura e da violência fascista e nazista que deveriam ser inaceitáveis em qualquer circunstância. Sobre esta questão, será desenvolvida, em outro momento, uma reflexão mais detida.

várias passagens da obra de Freud nas quais o termo projeção aparece, ele quase sempre se vincula ao quadro de paranoia. A peculiaridade paranoica no mecanismo projetivo que certamente interessou os frankfurtianos para a caracterização da subjetividade fascista é claramente apresentada no “Caso Schreber”:

*O mecanismo de formação do sintoma na paranoia requer que a percepção interna, o sentimento, seja substituída por uma percepção externa. Assim, a frase: “Eu o odeio” se transforma, por projeção, nesta outra: “Ele me odeia (me persegue), o que então justifica que eu o odeie”. (FREUD, 2010, p. 84)*

Sobre a pulsão de morte, é notório que o uso feito pelos filósofos de Frankfurt diz respeito ao seu aspecto de violência e a sua relação com o sadismo e o masoquismo, ou seja, a presença do componente sexual, que já em Freud ajudara a caracterizar o potencial destrutivo da pulsão, que desviaria, em parte, da própria ideia freudiana inicial de retorno imanente ao estado inanimado. Em “Além do Princípio do Prazer”, tem-se:

*Mas como pode o instinto sádico, que visa ferir o objeto, ser derivado do Eros conservador da vida? Não cabe supor que esse sadismo é na verdade um instinto de morte que foi empurrado do Eu pela influência da libido narcísica, de modo que surge apenas em relação ao objeto? (FREUD, 2010, p. 225)*

Para Adorno e Horkheimer, na Dialética do Esclarecimento, e para além desta obra, no tocante às análises estruturais sobre o nazifascismo e seus desdobramentos no pós-guerra das sociedades administradas, as subjetividades paranoicas têm a marca de uma pulsão de morte a céu aberto, sádica e masoquista por excelência, o que pode favorecer substancialmente situações de violência e intolerância sociais. Por fim, ainda comentando a referência a Freud, acerca da ideia de recalçamento orgânico, tal qual se expressaram Adorno e Horkheimer, vale notar que se trata de uma representação crítica da separação entre homem e natureza no plano psicológico.

Também essa separação que, para os filósofos, caminhou lado a lado com seus correlatos sociais,

investiu-se de distorções tais quais as reificações no contexto de análise sociológica. Em uma perspectiva não dialética e “danificada”, o corpo é coisa morta (organismo natural), que deve ter seus processos fisiológicos e suas paixões controlados como presença quase sempre indigesta da natureza em cada indivíduo. Ao mesmo tempo, é idolatrado de forma estereotipada pelas sociedades de consumo, como mais um produto à mercê das ciências naturais e suas tecnologias.

### Algumas considerações

*Toda dor e toda negatividade, motor do pensamento dialético, se mostram como a figura multiplemente mediatizada e, por vezes, irreconhecível, do elemento físico, assim como toda felicidade visa ao preenchimento sensível e conquista nesse preenchimento sua objetividade. (ADORNO, 2009, p 173)*

O elemento físico (*Gestalt von Physischem*) não aparece como imediato, puro, mas ao contrário, preserva-se como um rastro na dor e na negatividade de forma mediatizada e, por vezes, não reconhe-

cível. Não seria esta, então, a condição da própria natureza nos homens, o orgânico não mais como um puro orgânico, mas em parte como uma nostalgia?

*De fato, ao que me parece, em momento algum Adorno faz a negatividade de sua dialética depender da experiência estética como domínio autônomo e soberano, que assim não se põe como fundamento da dialética negativa. Antes de tudo, tal negatividade é por ele acusada no momento corporal, de prazer e de dor, que jaz esquecido em toda figuração espiritual – este momento no limite indizível, inominável. (CHIARELLO, 2006, p. 26-27).*

O que foi esquecido, o que está inominável, indica uma condição mítica que, todavia, não pode ser esclarecida pela crença no retorno do imediato. De certa maneira, o que foi perdido talvez deva ser re (inventado), com a ajuda dos seus rastros, reconhecido pelo espírito como aquilo que nele mesmo se perdeu.

O que a Dialética Negativa continua, em relação à Dialética do Es-

clarecimento, a respeito da condição do corpo, registra-se, primeiramente, na aproximação com a ideia de natureza. Segue-se a isso a discussão sobre o sofrimento que, de alguma forma, alude à ideia de dominação da natureza e sua resposta dialética na própria sociedade. No plano individual, o retorno é o próprio sofrimento do indivíduo, sua dor. Porém, é nítido o aprofundamento da discussão, talvez ontológica, sobre as relações entre *corpo* e *espírito*. O tom mais expositivo de uma condição sócio-histórica em “Interesse pelo corpo” dá lugar a um desenvolvimento conceitual, talvez mais consequente.

O que mais se pode considerar no texto da *Dialética Negativa* a respeito dessa discussão, precisamente, até aonde podemos ir com ela e, quem sabe, a partir dela, ir um pouco mais além, é o que se pretende para esta pesquisa na sua redação final e completa, pois, se em situações limite o nosso *corpo* aproxima-se do que seria a *natureza* em “em estado puro”, isso, ao mesmo tempo, já não é fora do espírito nem tampouco deixará de ter consequências para ele. Foi Nietzsche quem disse em algum momento que “a mente pura é a mentira pura”, talvez isso valha, *mutatis mutandis*, para a compreensão sobre o *corpo*.

## Referências bibliográficas

- ADORNO, Theodor W. *Dialética Negativa*. Tradução de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Zahar, 2009, 346p.
- ADORNO, Theodor W. *Negative Dialektik*. Gesammelte Schriften. H. von Rolf Tiedemann. Frankfurt, Suhrkamp Verlag, Band 6, 1973.
- CHIARELLO, Mauricio. *Natureza morta: finitude e negatividade em Theodor W. Adorno*. São Paulo: edusp, 2006, 278p.
- CHRISTOPHER, Türcke. *Pronto-socorro para Adorno: fragmentos introdutórios à dialética negativa*. In: ZUIN, Antônio A. et. al. (orgs). *Ensaio frankfurtianos*. São Paulo: Cortez, 2004, p. 41-60.

- DUARTE, Rodrigo. *Marx e a natureza em O Capital*. São Paulo: Loyola, 1986, 110p.
- FREUD, Sigmund. *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (O caso Schreber)*. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas volume 10*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 13-107. (a).
- FREUD, Sigmund. *Introdução ao Narcisismo*. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas volume 12*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 13-50. (b).
- FREUD, Sigmund. *Os instintos e seus destinos*. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas volume 12*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 51-81. (c).
- FREUD, Sigmund. *Além do princípio do prazer*. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas volume 14*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 161-239. (d).
- HORKHEIMER, Max. ADORNO, Theodor W. *Dialética do Esclarecimento*. Tradução de Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985, 254p.
- HORKHEIMER Max. ADORNO Theodor W. *Dialektik der Aufklärung*. *Gesammelte Schriften*. H. von Rolf Tiedemann. Frankfurt, Suhrkamp, Band 3, 1997.
- MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. Tradução de Jesus Rani-eri. São Paulo: Boitempo, 2004.

